

Delícia de Morangos com Chantilly

Banda Sinfónica Portuguesa e Quarteto Contratempus

Diogo Costa, direção musical

Abertura do Cistermúsica Fronteiras

11/10 sáb 18h00

Cine-teatro de Alcobaça – João D'Oliveira Monteiro

Ficha artística

Pedro Lima, *composição*

Edward Luiz Ayres d'Abreu em colaboração com o ChatGPT e outras fontes de inteligência artificial, *libreto*

António Durães, *encenação*

Diogo Costa, *direção musical*

Bunny, tipo coelhinha › Teresa Nunes, *soprano*

Benny, amor da sua vida › *faltou aos ensaios*

Águre › Miguel Leitão, *tenor*

Sacerdotisa › Carolina Freitas Leite, *violoncelo*

Boris, pianista › Bernardo Pinhal, *tenor-piano*

Atchim, barman › Crispim Luz, *clarinete*

O resto dos bêbedos › Banda Sinfónica Portuguesa

Patrícia Costa, *figurinos e adereços*

Hugo Mesquita, *desenho multimédia*

Mariana Figueroa, *desenho de luz*

José Afonso Monteiro, *desenho de som*

Tiago Ralha, *operação e gravação de som*

coletiva, *conceção do espaço cénico*

Rui Azevedo, *construção de cenografia*

Marta Silva, *correpetição*

Jessica Roque e Isabela Oliveira, *voz off*

Pedro Sardinha, *registo fotográfico para comunicação*

Miguel F, *vídeo*

Quarteto Contratempus

Marta de Baptista e Jessica Roque, *produção*

Isabela Oliveira, *assistente de produção*

Banda Sinfónica Portuguesa

Francisco Ferreira, *direção executiva*

Horácio Ferreira, *direção artística*

José Rafael Pascual Vilaplana, *maestro associado*

João Sousa e Carlos Rodrigues, *montagem e produção*

Mariana Aguiar, *secretariado*

Luís Oliveira, *comunicação*

Agradecimentos: Pedra Nova, Rei das Bifanas e Bazar Paris

Cocriação entre a Banda Sinfónica Portuguesa e Quarteto Contratempus

Apoio: Casa da Música

A Banda Sinfónica Portuguesa e o Quarteto Contratempus são estruturas financiadas pela República Portuguesa – Cultura, Desporto e Juventude / Direção Geral das Artes

Apoio



Organização



Parceria estratégica



Parceria institucional



Parceiros media



Membro de



Agraciado por



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.

Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.

Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais Cistermúsica.

Notas de Programa

A ópera é a epítome do que significa “criação colaborativa”: um processo longo, pautado por progressos e retrocessos que parecem por tantas vezes contar a história de uma “outra ópera” dentro da produção da própria ópera.

Criar para estas fantásticas forças (QC & BSP) foi sempre uma alegria desprendida de limitações e creio que esse sentimento de liberdade está bem visível e audível em tudo aquilo que existe nesta *Delícia de Morangos e Chantilly* (2023). O trabalho do Edward (libreto) e posteriormente o do António (encenação) funcionaram sempre como uma impulsão para esta partitura que tanto prazer me deu criar. Assim se quer o mundo: cooperativo e colaborativo para que as nossas ideias se possuam de forças tangíveis em mais recetores sensoriais, que é uma maneira de dizer “pessoas”.

Amanhã, votem!

Pedro Lima

Na sala de ensaio, onde a grande combustão se prepara, onde se cozinha laboriosamente a grande refeição, onde o ambiente protegido propicia a descoberta criativa e artística, ela vai paulatinamente destruindo todas os pilares, interrompendo todos os canais que desaguiariam no mar da criatividade, qual *caterpillar* entorpecido, tonto, confuso, delirante, perdido.

Mas isso é no cinema. No espaço-preâmbulo que precede o intervalo nervoso e salvador.

Na cantina, ou bar, ou café-concerto onde se degustam os intervalos demasiado curtos para tamanho desafio, os restantes trabalhadores da casa, camaradas e compinchas, organizam-se para salvar o não salvável, livrá-lo do malfadado tique que vem dinamitando a teia de relações fraturadas, e fantasmizar o ser social que ela precisa de continuar a ser.

É disso que se trata: lançar uma flotilha de esperança em direção àquele ser que, em desespero, pede ajuda a todos os deuses.

Será que os deuses a salvam? Mesmo os postigos e, por isso, mais próximos da empatia e da humanidade?

António Durães

Biografias

Pedro Lima

Pedro Lima tem-se revelado como uma das vozes mais ativas, desafiadoras e pertinentes, no contexto da música contemporânea nacional e internacional.

A sua música procura explorar universos sonoros próprios de um meio eclético, adjacente a alguém que cresceu a ouvir música eletrónica, hip-hop e integrou uma banda de rock-progressivo no decurso do seu crescimento. A composição dita “erudita” revelou ser a tela em branco de perfeitas dimensões, e lá se têm materializado uma série de “investigações” tímbricas, harmónicas, estruturais, e nas suas partituras manifestam-se ideias singulares e extravagantes que assumem diferentes formas e expressões que variam mediante o contexto onde pretendem existir.

A música do compositor português tem evoluído na medida dos contrastados projetos que tem criado e onde tem participado. Desde a ópera à música eletrónica passando por projetos comunitários e diversas experiências de fusão, torna-se redundante a intenção de colocar uma só etiqueta numa voz tão singular que se tem emancipado, sobretudo, na virtude da polivalência. Um compositor que se faz no complexo e estimulante meio sócio-digital onde existimos. O seu álbum monográfico com os trabalhos mais relevantes que tem escrito nos últimos anos foi lançado no começo de 2024 e chama-se *TALKIN(G) ABOUT MY GENERATION* pela editora Artway/NEXT. Melhor Álbum de Música Clássica e Erudita na 7.ª edição dos Prémios PLAY da Vodafone em 2025. Trabalho original onde as peças/canções que o compõem meditam sobre o fenómeno geracional onde o próprio se insere. Os conflitos, a política, o aceleracionismo, a internet, os memes, a vida na selva digital e a conquista do espaço.

Edward Luiz Ayres d’Abreu

Musicólogo, compositor e gestor, Edward Ayres de Abreu é diplomado pela Escola Superior de Música de Lisboa (Composição, licenciatura), Universidade NOVA (Ciências Musicais, mestrado e doutoramento) e AESE Business School (Executive MBA). Ao longo do seu percurso académico foi bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, da Imprensa Nacional – Casa da Moeda e da AESE Business School. Como musicólogo, colaborou com a Gulbenkian Música, a Casa da Música e o Teatro Nacional de São Carlos. Foi distinguido com o 2.º Prémio do Concurso Otto Mayer-Serra (2017) da Universidade da Califórnia, Riverside, e com o Prémio Joaquim de Vasconcelos (2019) da Sociedade Portuguesa de Investigação em Música e com o Prémio Alumni NOVA FSCH / Categoria Revelação – Artes (2024). Fundou e dirigiu (2009-2022) o MPMP Património Musical Vivo, plataforma distinguida com o Prémio de Música Sequeira Costa (2018). No âmbito do MPMP concebeu e coordenou diversos projetos editoriais e de programação musical. Entre 2021 e 2024 foi 2.º Vogal da Direção da Sociedade Portuguesa de Investigação em Música. Iniciou em setembro de 2022 as funções de Diretor do Museu Nacional da Música.

António Durães

Nasceu na Figueira da Foz, em 1961. Frequentou o curso da Escola de Formação Teatral do Centro Cultural de Évora. É profissional de teatro desde 1984 e, desde 2000, professor de Interpretação nos cursos de Teatro e Música (Canto) na ESMAE.

Exerce regularmente, desde 1995, a atividade de encenador e uma parte dela dedicada à música. Entre os espetáculos que dirigiu contam-se *Winterreise*, de Schubert, (2012); *Então Ficamos*, espectáculo de não-encerramento de Guimarães Capital Europeia da Cultura (2012); *L'Elisir d'Amore* e *Rita*, óperas de Gaetano Donizetti (2006); *Maldoror*, espectáculo musical dos Mão Morta (2007); *Variações Sobre a Perversão*, de vários autores/compositores, no TNSJ (2007); *O Sessenta e Seis*, de Offenbach; *Ninguém e Todo o Mundo*, de Daniel Moreira/Ayres d'Abreu e *O Cavaleiro das Mãos Irresistíveis*, de Ruy Coelho; *Così Fan Tutte*, de Mozart/da Ponte para o Coliseu do Porto; *Porto Pronto*, de Regina Guimarães e Fernando Lapa (2022); *Na Casa*, de João Lóio/AD (2025), entre outros.

Para a ESMAE dirigiu ou co-dirigiu *A Audição*, a partir de cenas de Mozart; a *Ópera dos Três Vinténs* e *Os sete pecados mortais dos pequeno-burgueses* e *Pequeno Mahagonny*, de Brecht/Weill; *A Hora Espanhola* e *L'Enfant et les Sortilèges*, de Ravel; *La Donna di Genio Volubile*, de Marcos Portugal; *A Ópera Real* (2023); *Os Noivos*, de Francisco Sá Noronha de (2022); *Così Fan Tutte*, de Mozart/da Ponte, entre outras.

Para o Quarteto Contratempus, dirigiu *As Sete Mulheres de Jeremias Epicentro*, de Jorge Prendas/Mário João Alves; *Os Dilemas Dietéticos de uma Matrioska do Meio*, de Nuno Côrte-Real/Mário João Alves; *Simplex*, de Telmo Marques/José Topa/Carlos Tê; *A Querela dos Grilos*, de Fátima Fonte (2015); *Semana Profana*, de Fernando Lapa e Regina Guimarães (2013), entre outras.

Integra, desde a fundação, o coletivo Sindicato de Poesia, em Braga.

Diogo Costa

Nascido em 1989, Diogo Costa é, atualmente, um dos jovens maestros mais ativos do país. Entre os seus projetos recentes e futuros incluem-se em os convites para a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra do Norte, a Orquestra Clássica do Centro, a Orquestra Clássica de Espinho, a Banda Sinfónica Portuguesa, a Banda Sinfónica da GNR, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Síntese – Grupo de Música Contemporânea. Em Inglaterra dirigiu a Hallé Orchestra e a Filarmónica da BBC em Manchester, a Orquestra Nacional de Gales da BBC, e a West European Studio Orchestra com a qual tem vindo a gravar em diversos estúdios, entre eles o lendário Abbey Road, em Londres.

Nutrido um interesse especial pela ópera, Diogo Costa tem vindo a trabalhar na produção de várias óperas com alguns dos mais destacados encenadores e maestros. Em 2019, trabalhou como maestro assistente de Lorenzo Viotti na produção da ópera *Romeu e Julieta* de Gounod, com a Orquestra e Coro Gulbenkian e, no mesmo ano, enquanto maestro assistente de David Azagra na produção da ópera *O Elixir do Amor* de Donizetti no projecto Opera Jóven em Espanha. Em 2021 estreou-se enquanto maestro principal na produção da ópera *A médium* de Menotti, no Operafest Lisboa, que recebeu as melhores críticas internacionais. Para além da ópera, tem vindo a trabalhar com músicos de jazz de renome tais como Benny Golson, Perico Sambeat, John Ellis, China Moses, Kandace Springs, Isabella Lundgren e o Quinteto Belmondo.

Presença constante em diversos concursos internacionais, foi recentemente laureado no Prémio Jovens Músicos em Direção de Orquestra. Em 2020, foi finalista no Mackerras Fellowship da Ópera Nacional de Inglaterra e semifinalista na Siemens Hallé International Conducting Competition.

Iniciou os seus estudos musicais na Banda de Música de Antas - Esposende, prosseguindo-os na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo e na Escola Superior de Música de Lisboa. Em 2010, começou os estudos em Direção de Orquestra na Academia Nacional Superior de Orquestra – Metropolitana, com o conceituado pedagogo Jean-Marc Burfin. Concluiu com distinção a pós-graduação no Royal Northern College of Music de Manchester (Inglaterra), onde frequentou o Mestrado em Direção de Orquestra sob a orientação de Mark Heron e Clark Rundell. Aqui teve a oportunidade de trabalhar como maestro assistente de Juanjo Mena, John Storgårds e Sir Andrew Davis na Orquestra Filarmónica da BBC, e Vasily Petrenko na Orquestra Filarmónica Real de Liverpool. Em complemento, tem realizado *masterclasses* com Sir Mark Elder, Peter Eötvös, Martyn Brabbins, Douglas Bostock, Johannes Schlaefli, Jean-Sébastien Béreau e Emilio Pomarico.

Atualmente é diretor artístico e maestro da Banda de Música de Antas, com a qual tem vindo a conquistar diversos prémios dentro e fora do país, e professor de Orquestra na Escola Profissional Artística do Alto Minho.

Banda Sinfónica Portuguesa

A Banda Sinfónica Portuguesa (BSP), sediada na cidade do Porto, estreou-se a 1 de janeiro de 2005 no Rivoli, Teatro Municipal do Porto, onde gravou também o seu primeiro disco. Desde então, tem-se afirmado como um agrupamento de excelência no panorama das orquestras de sopros e percussão, apresentando-se regularmente nas mais importantes salas de espectáculo portuguesas, como a Casa da Música, o Coliseu do Porto, a Fundação de Serralves ou a Fundação Gulbenkian. Além disso, tem desenvolvido diversas colaborações com municípios e instituições culturais. A nível internacional, a BSP já atuou em Espanha, nos Países Baixos e na China.

A discografia da BSP reflete a sua diversidade e qualidade artística, com álbuns como *A Portuguesa* (2010), *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestre d'Harmonie* (2014), *Sinfónico* com a banda Quinta do Bill (2015), *Trilogia Romana* (2015), *Porto* (2016), *The Ghost Ship* (2017) e *Música Ibero-Americana* (2019).

Ao longo da sua existência, a BSP promoveu o vasto repertório para a sua formação, que vai desde arranjos clássicos a estreias contemporâneas. Fomentou a música portuguesa, tendo realizado encomendas a compositores como Luís Tinoco, Jorge Salgueiro, Luís Carvalho, Pedro Lima, entre outros. Potenciou cruzamentos disciplinares com o Teatro “O Bando” e a Companhia Olga Roriz, bem como com o Quarteto Contratempus. A vertente pedagógica da BSP inclui iniciativas como o festival BSP Júnior, cursos de direção e aperfeiçoamento artístico, concursos de composição e parcerias com instituições públicas de ensino.

Entre as diferentes distinções, destaca-se o 1.º lugar no Concurso Internacional de Bandas de La Sénia (2008) e a mais alta pontuação na história do World Music Contest, em Kerkrade, Países Baixos (2011). A BSP foi também convidada a participar no 18.º Festival do World Music Contest em Kerkrade e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles, em Utrecht. Em 2023, foi distinguida pela RTP e pela Antena 2 pelo seu contributo à cultura portuguesa.

A BSP é uma associação cultural sem fins lucrativos, com estatuto de instituição de utilidade pública. Francisco Ferreira ocupou o cargo de maestro titular e diretor artístico desde a sua fundação. Atualmente, a direção artística está a cargo de Horácio Ferreira, tendo José Rafael Pascual Vilaplana como Maestro Associado.

Quarteto Contratempus

O Quarteto Contratempus (QC) é uma estrutura artística que se dedica à criação, interpretação e divulgação de Ópera Contemporânea Multimédia. Teve a sua génese em 2008 com a formação original de soprano, clarinete, violoncelo e piano.

A Missão do QC é a promoção, criação e difusão da música e da ópera portuguesa, a investigação e experimentação artística através do uso de tecnologia, e o envolvimento das comunidades na ópera e música de câmara.

Desde 2014 que dedica a criação de ópera de câmara, tendo já criado mais de duas dezenas de óperas em colaboração com compositores portugueses como Dimitris Andrikopoulos, Fernando Lapa, Nuno Côrte-Real, Pedro Lima, Sofia Sousa Rocha, Telmo Marques, libretistas como Carlos T, Fadi Skeiker, Francisca Camelo, José Topa, Mário Alves e encenadores António Durães, Claudio Fuentes, Ivar Sverrisson, Julieta Rodrigues, Nuno M Cardoso e Nuno Preto. Apresenta-se nas principais salas do país.

Em 2018, o QC foi distinguido com o 3.º Prémio Nacional de Indústrias Criativas (promovido pelo Grupo Super Bock/Serralves) e com Prémio Born from Knowledge (promovido pela ANI).

Em 2021, cria o Contrapartituras – Laboratório de Ópera e Música em Cena, um lugar de pesquisa, investigação, criação e questionamento.

É atualmente uma estrutura financiada pelos apoios sustentados da DGArtes.

Em 2024 tornou-se membro do CLASP e CSF de Campanhã, Porto, onde contribui para elaborar e colocar em prática o plano de desenvolvimento social do Município.

Organizou a 1.ª edição do FIATO – Festival Internacional de Arte e Ópera do Porto e encontra-se a preparar a segunda edição.